

## **Tecendo Resistência e Autonomia pelas Veias Abertas da América Latina <sup>1</sup>**

Camila DUTERVIL<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF

### **RESUMO**

O presente artigo tratará da gênese do coletivo de cinema indígena Munduruku, da atuação das mulheres realizadoras indígenas na luta por autodeterminação e direito à terra e o percurso que as levou a se tornarem protagonistas da primeira experiência de imersão multissensorial no Brasil. O Coletivo Audiovisual Munduruku tem buscado meios para gravar, editar e contar suas próprias histórias desde que tomaram consciência do poder do audiovisual para criar mudança social, e acima de tudo, para denunciar as ameaças à seu modo de vida na bacia do Rio Tapajós. Nesse ponto, observa-se a convergência de suas ações com as estratégias das Comunidades Autônomas Zapatistas e a partir desses vínculos, aprofundarei a análise sobre o intercâmbio das experiências de autonomia e resistência entre os dois grupos.

**PALAVRAS-CHAVE: Autonomia; Videoastas Indígenas; Mulheres Munduruku, Zapatistas.**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP América Latina, Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora temporária de Artes Audiovisuais. UnB- FUP Planaltina -UnB, e-mail: camiladutervil@gmail.com

---

Contrapondo a visão exotizada dos povos indígenas no cinema, na América Latina, os realizadores e realizadoras indígenas começaram a contar suas próprias histórias de maneira poderosa e comovente. Na Bolívia, o CEFREC-CAIB (*Centro de Formación y Realización Cinematográfica. -Coordinadora Audiovisual Indígena-Originaria de Bolivia*) é um espaço de formação e produção audiovisual de comunidades indígenas, camponesas e movimentos populares. Os povos indígenas do norte da Colômbia (Ahuarco, Kogui, Wiwa, Kankuamo) criaram o *Centro de Comunicaciones Zhingonesh* com foco na auto afirmação da própria identidade, que se encontra ameaçada.

No contexto mexicano, o vídeo indígena foi apropriado e ressignificado conscientemente com uma postura política fundamental para as lutas indígenas por sua autodeterminação, onde destaca-se o trabalho do *Chiapas Media Project- Promedios de Comunicación Comunitaria* e do *Proyecto de videoastas indígenas de la frontera Sur*.

Este movimento cresceu ao longo dos anos e a *Coordinadora Latino Americana de Cine de los Pueblos Indígenas (CLACPI)* publicou sua própria definição de cinema e/ou vídeo indígena : obras em que seus diretores e cineastas, que têm o firme compromisso de dar voz e visão digna ao conhecimento, cultura, projetos, reivindicações e conquistas dos povos indígenas.

Está também implícita a ideia de que este tipo de cinema e vídeo requer um alto grau de sensibilidade e a participação ativa das pessoas que aparecem na tela. Dito de outro modo, o cinema e vídeo indígena tentam utilizar esta poderosa ferramenta para fomentar a autoexpressão e fortalecer o desenvolvimento dos povos indígenas. (CLACPI in: CORDOVA, 2015: pp. 150-153)

No Brasil, destaca-se o trabalho da ONG Vídeo nas Aldeias (VNA), dirigida por Vincent Carelli, que funciona como uma escola de cinema para os povos indígenas. Na sua pedagogia, o audiovisual é concebido como instrumento para a valorização da identidade étnica e como recurso na conquista de seus direitos, à exemplo das oficinas de vídeo que a VNA realizou em 2015 com indígenas de aldeias impactados pela construção da mega-barragem de Belo Monte. Um dos instrutores da oficina foi o cineasta indígena Takumã Kuikuro do Alto Xingu, que reuniu os alunos do Médio Xingu para aprender como filmar suas vidas e usar o vídeo como uma voz a mais para o grupo.

---

A partir dos anos 90, os recursos audiovisuais passaram a representar uma forte estratégia de luta para os povos indígenas da região. O *Kaiapó Video Project* foi desenvolvido pelo antropólogo Terence Turner, consultor antropológico do diretor Michael Beckham no filme *Kaiapo: Out of the Forest* (1989) que registra a primeira manifestação contra a barragem do Rio Xingu.

Segundo Turner, a partir do momento em que adquiriram suas próprias câmeras de vídeo, os Kaiapó consideraram a gravação com este recurso fundamental em suas grandes confrontações políticas com a sociedade nacional, utilizando os meios de comunicação ocidentais per fazerem ouvir suas vozes:

Para um povo como o Kaiapó, o ato de filmar com uma câmera de vídeo pode se tornar um mediador mais importante nas suas relações com a cultura ocidental dominante do que o próprio documento filmado. Os Kaiapó não consideram a documentação em vídeo apenas uma gravação passiva ou uma reflexão de fatos já existentes, mas algo que ajuda a estabelecer os fatos que ela grava. Ela tem, em outras palavras, uma função performativa. (TURNER, 1993:101)

Ignorando vinte e cinco anos de resistência dos povos indígenas, o governo brasileiro termina por construir a terceira maior hidrelétrica do mundo no Rio Xingu. Com a construção da Usina de Belo Monte, os indígenas abandonaram as plantações e se tornaram dependentes do dinheiro das indenizações. As populações ribeirinhas foram deslocadas de suas aldeias para a periferia de Altamira que se tornou a terceira cidade mais violenta do Brasil. Num verdadeiro cenário de guerra, rios são barrados, água morta apodrece, toneladas de peixes morrem, homens e mulheres são expulsos de suas casas, crianças deixam de ir à escola, locais sagrados são inundados.

O Movimento Xingu Vivo convidou o povo indígena Munduruku para conhecer a destruição causada pelas obras de Belo Monte. Os Munduruku resistem contra a construção de barragens na bacia do Rio Tapajós e pela demarcação da Terra Indígena *Sawré Muybu*, que representa uma das principais áreas ameaçadas pelas construções planejadas. Sob o impacto da militarização da região onde vivem, os Munduruku adotaram uma nova estratégia para reivindicar seus direitos frente aos empreendimentos e se aliaram a luta dos Kayapó – tradicionais inimigos dos Munduruku. Em maio de

2013, eles voltaram para ocupar o canteiro de obra da UHE Belo Monte, exigindo a suspensão imediata das barragens nos rios Xingu, Tapajós e Teles Pires.

Esse período ficou conhecido como primavera indígena, enquanto lideranças ocuparam o Congresso Nacional em Brasília, os Munduruku ocupavam o canteiro de obras de Belo Monte e passavam a acompanhar a luta dos indígenas do Médio Xingu. Na ocupação, os Munduruku se organizaram em cinco grupos com nomes que homenageavam guerreiros míticos de seu povo, quatro grupos de homens – Pukoral pitpit, Suyresuyre, Waremucug PakPak e Pusurukao e um grupo de mulheres - Wakoborun.

Pouco mais de um ano após a ocupação de Belo Monte, os Munduruku deram início a um ato inédito de regularização do território, a autodemarcação de Daje Kapap Eypi/Sawré Muybu, que se tornou um ícone da resistência Munduruku em defesa do território.

A autodemarcação não se reduz à pressão sobre o governo, à simples garantia de direitos, não é apenas da garantia de sobrevivência numa terra demarcada que se trata a luta – como se sobreviver bastasse e qualquer terra servisse; é, antes, pela existência do coletivo como tal e a persistência de seu modo de vida, indissociável da vida em sua terra. A autodemarcação como autodeterminação indígena: eis a potência dessa iniciativa. (Molina, 2017 : 9)

Frutos da luta e resistência do povo Munduruku, a publicação do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação de Sawré Muybu, bem como a suspensão licença ambiental da hidrelétrica se deu às vésperas do impeachment da presidente Dilma Rousseff. No entanto, a garantia dessas conquistas ainda depende de um longo processo, e em tempos de golpe de Estado, ataques aos direitos humanos e do crescimento das forças ultra conservadoras e ruralistas, a violação aos direitos territoriais indígenas e a militarização de seus territórios sagrados se intensificaram. Observou-se um momento histórico propício para o fortalecimento dos instrumentos de luta e resistência do povo Munduruku, entre os quais, destaco aqui o audiovisual.

A necessidade de fazer os próprios vídeos surgiu, segundo as jovens Munduruku, no processo de autodemarcação, quando aconteceu uma primeira oficina de vídeo. As jovens mulheres do médio Tapajós sentiram a necessidade de registrar a autodemarcação sem depender da presença de jornalistas no local, formaram o coletivo

---

*Daje Kapap de Cinema* e assinam a autoria do filme *Autodemarcação Daje Kapap Eypi*.

Uma das realizadoras indígenas Luciane Munduruku conta sobre a oportunidade de fazer um vídeo sobre a luta: “Nós, guerreiras da aldeia Sawré Muybu, nos dedicamos a fazer um filme da autodemarcação para mostrar que não estamos de braços cruzados esperando o governo”<sup>3</sup>..

Verena Glass discorre sobre novas perspectivas a partir do protagonismo feminino Munduruku e aponta que :

a intensidade dos ataques ao seu território e a seus direitos constitucionais, tem desencadeado no grupo uma nova demanda, onde o papel da mulher chega com uma força extraordinária. (...) A luta em defesa dos territórios promove o contato com outras formas de organização e de participação política de diversos movimentos sociais, indígenas e de mulheres, cujas discussões e posicionamentos teriam sido incorporados pelas lideranças femininas Munduruku. (Glass e al, 2016: p.7)

Segundo Alvarez, o descentramento do campo feminista latino-americano tem sido acompanhado por uma intensificação dos desequilíbrios de poder entre mulheres que atuam em diferentes níveis e ocupam diferentes espaços dentro desse campo. (Alvarez e al, 2000) Acreditamos ser importante problematizar essa ideia de feminismo ocidental como a ideologia redentora que veio libertar as mulheres indígenas da opressão patriarcal. No tempo mítico em que Karusakaibo vivia entre os homens, já encontramos entre guerreiros fundadores da mitologia Munduruku, três mulheres: a líder Yanyonbori, Tuembirú e Parawaro. As mulheres controlavam as tabocas sagradas Munduruku, denominadas karoko e ganharam por meio disso supremacia sobre os homens ( Murphy, 1974: 88-90). Wakoborun<sup>4</sup>, outra guerreira mítica supracitada, foi homenageada na criação da Associação de Mulheres Munduruku Wakoborun.

As mulheres comandaram os guerreiros na primeira ocupação dos Munduruku na hidrelétrica de Teres Pires.<sup>5</sup> O protesto contra os impactos sobre os espaços sagrados dos povos Munduruku foi realizado por um grupo formado em sua maioria por

---

<sup>3</sup><<https://autodemarcacaonotapajos.wordpress.com/2015/09/15/guerreiras-munduruku-fazem-um-filme-da-autodemarcacao/>>> (08.03.2017)

<sup>4</sup> Wakoborun, uma guerreira respeitada, escolhida para ir à guerra na aldeia Waudadikabum, andava na frente dos outros guerreiros à caminho do território inimigo, de onde consegue trazer de volta a cabeça cortada do irmão. Essa história foi relatada na comunicação *Wakoburun, a primeira guerreira; As mulheres Munduruku e o plano de vida como estratégia de resistência de um povo*. KABA, Maria Leusa Kabá e TEIXEIRA, Luiz Cláudio B, apresentada no III Congresso Internacional dos Povos Indígenas da América Latina, UnB, 2019

<sup>5</sup> Ibidem, pg.3.

mulheres e crianças. A Força Nacional reprimiu a manifestação duramente com bombas. No terceiro encontro das mulheres realizada na aldeia Patauzal, publicarmos uma carta:

Estamos decididos continuar fortalecidos em aliança de luta com a Associação Wakoborun, Associação Pariri, Associação Da'uk e Movimento Munduruku Ipereg Ayu pois nunca vamos parar de lutar pelo nosso rio e pelo nosso território livre dos projetos de morte. Estamos defendendo o rio que é como nosso leite materno que damos todos os dias para nossos filhos. A terra é nossa mãe, temos respeito (Ipi Wuyxi Ibuyxin Ikukap) e nunca vamos negociar.<sup>6</sup>

De fato, observou-se um momento particular de empoderamento político feminino<sup>7</sup>, com o surgimento de duas grandes lideranças: Alessandra Korap Munduruku na Associação Pariri e Maria Leusa Kaba Munduruku no Movimento Ipereg Ayu. Alessandra passou a ser considerada entre os Munduruku como uma das principais referências na construção das estratégias de luta e organização política. Hoje desponta como uma das principais lideranças indígenas do Brasil e ingressou recentemente no curso de Direito da Universidade Federal do Oeste do Pará. Maria Leusa cursou o Magistério Cultural Ibaorebu<sup>8</sup>, foi à Paris para participar da conferência do clima na COP 21 e receber o Prêmio Equador, concedido pela ONU, pelo protagonismo do seu povo contra as usinas como uma ação de sucesso proeminente na promoção de soluções sustentáveis. As duas guerreiras seguem se articulando internacionalmente.

Em dezembro de 2017, Alessandra Korap, Maria Leusa Cosme Kaba Munduruku e a pequena Ana Vitória Munduruku viajaram até o sudeste mexicano onde compartilharam sua experiência de resistência junto aos movimentos indígenas chiapanecos. O intercâmbio foi uma iniciativa da Associação Pariri que elaborou um projeto para que as guerreiras Munduruku pudessem viajar para conhecer os

<sup>6</sup> Carta das Mulheres Munduruku, disponível em : <https://cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/acoes-dos-movimentos/4416-carta-do-iii-encontro-das-mulheres-munduruku> Acesso em 01.07.2019

<sup>7</sup> Essa conjuntura se reflete na macropolítica, se observamos que em 2018, os dois maiores países da América Latina lançaram candidatura de duas mulheres indígenas à presidência do país, Marichuy no México e Sonia Guajajara no Brasil. No caso mexicano, Marichuy foi escolhida por um conselho do Ejército Zapatista de Liberación Nacional como sua candidata independente à Presidência em 2018. Ela não se filiou a partido nenhum, com uma base anarquista, para os Zapatistas o importante não é ganhar, mas é mostrar que estão vivos e que estão representados. A pré candidatura anticapitalista e ecossocialista à Vice- Presidência do Brasil, de Sonia Guajajara foi lançada pelo PSOL com apoio de Guilherme Boulos.

<sup>8</sup> Realizado por meio de etapas intensivas ou “tempo escola” (aulas presenciais) e etapas de acompanhamento ou “tempo aldeia” (momento de orientação às pesquisas desenvolvidas pelos alunos), o Ibaorebu tem se constituído como um espaço privilegiado de exercício da autonomia e do protagonismo do Povo Munduruku.

---

Zapatistas<sup>9</sup>. Alessandra Munduruku relata a experiência com os zapatistas no México:

Eles tem os próprios bancos, a própria universidade, a própria saúde autônoma. Eles também tem um protocolo, eles fazem auto consulta, achei bem interessante, é uma maneira de defesa, fazem uma Assembleia com representantes de várias comunidades, sem precisar que representantes do governo e do empreendimento entrem no território deles.<sup>10</sup>

As comunidades autônomas zapatistas adaptaram a tecnologia do vídeo como uma importante ferramenta para promover suas experiências de resistência e um veículo para enviar comunicados para o exterior. *A Promedios de Comunicación Comunitaria* é uma organização composta de realizadores de todo o mundo que tem base em San Cristobal de las Casas e forma indígenas no uso de novas tecnologias audiovisuais. Um dos seus projetos é a escola de comunicação popular *Votan K'op* dedicada à formação teórica e prática de comunicadores indígenas com a intenção de reforçar a emancipação feminina na luta das comunidades zapatistas. A Promedios fornece câmeras, computadores e treinamento para as comunidades indígenas de Chiapas, equiparam quatro centros de mídias no território Zapatista com produção de vídeo digital, pós produção de áudio e acesso à internet.

Alessandra e Maria Leusa Munduruku visitaram o Centro Estadual de Línguas, Arte e Licenciatura Indígena em San Cristóbal de Las Casas, criado e firmado após o levante zapatista de 1994, e conheceram seu projeto de formação de jovens indígenas em audiovisual que visa fortalecer a identidade étnica e auto-representação dos povos indígenas. Estabeleceram contato com uma cineasta Zapatista que produz videocartas e assinaram o manifesto “ Tecendo resistências e encontrando mundos em defesa da vida e do território <sup>11</sup>” junto com o projeto *videoastas indígenas de la frontera Sur*.

As guerreiras Munduruku também mostraram aos Zapatistas, o vídeo sobre a auto-demarcação produzido pelo Coletivo Audiovisual Munduruku e relataram o seu esforço em buscar recursos audiovisuais para registrar suas perspectivas a respeito do

---

<sup>9</sup> O Movimento Zapatista apareceu para o público a partir do levante de 1º de janeiro de 1994 e, desde então, é conhecido mundialmente por construir cada vez mais suas instituições e todo um modo de vida de maneira autônoma, o que passa pela criação de escolas, atenção à saúde e cooperativas.

<sup>10</sup> Entrevista concedida durante a realização do I Fórum Alternativo Mundial da Água, realizado em Brasília em março de 2018.

<sup>11</sup> Disponível em <https://movimentoiperegayu.wordpress.com/2017/12/19/comunicado-tejiendo-resistencias-y-encontrando-mundos-en-defensa-de-la-vida-y-del-territorio/>

---

mundo que os cerca, e, sobretudo, denunciar as principais ameaças ao seu modo de vida, à exemplo dos projetos hidrelétricos planejados para a bacia do Tapajós.

A questão da autonomia é central para o *Coletivo Audiovisual Munduruku*, haja visto o tema dos primeiros vídeos produzidos pelo grupo; o primeiro foi o registro do processo de autodemarcação da TI Sawre Muybu. Cansados de esperar pelo governo, resolveram fazer a demarcação da terra indígena, processo que converge com estratégias das comunidades autônomas Zapatistas, que também usam o vídeo como instrumento fortalecedor de suas lutas. Os Munduruku declaram: *Autodemarcação é nossa terra protegida! Autodemarcação é nossa floresta preservada! Nossa maior luta é por autonomia!*

A autonomia se revela também na defesa e vigilância do território. Mais uma vez cansados de esperar pela intervenção do Estado, guerreiros, lideranças e o cacique-general Arnaldo Kabá organizaram uma expedição para expulsar os garimpeiros ilegais, armados com flechas e espingardas de caça. O Coletivo Audiovisual Munduruku registrou a expedição, as filmagens foram feitas pelo guerreiro José Akay, do Médio Tapajós. O audiovisual desponta também como um dos dispositivos de monitoramento e gestão do território Munduruku.

José Akay Munduruku participou de uma das oficinas de vídeo realizadas em Sawré Muybu, na qual dez jovens de quatro diferentes aldeias do Médio Tapajós realizaram exercícios a partir de temas que os próprios alunos achavam importantes. O vídeo que editaram durante essa oficina foi sobre a energia solar instalada na aldeia que já abastece a escola. O grupo de cineastas indígenas passou a assinar como Coletivo Audiovisual Munduruku em suas produções. Fábio Nascimento, professor que ministrou a oficina, insistiu para que o *Greenpeace* financiasse câmera e computador, preocupado com a questão da autonomia nas futuras realizações do coletivo.

O tema do vídeo *Energia solar na Aldeia* é crucial na resistência contra as barragens e mostra a possibilidade concreta de autonomia energética, com alternativa sustentável para a produção de energia verdadeiramente limpa. O sistema de transmissão de rádio que permite a comunicação entre as aldeias Munduruku é abastecido pelas placas solares e agora as próprias câmeras e computadores do Coletivo Audiovisual Munduruku podem ser recarregadas com a energia solar.

A referida oficina foi resultado de uma demanda da Associação Pariri ao Greenpeace. Na ocasião do Fórum Alternativo Mundial da Água, Alessandra Korap



---

Munduruku, presidente da Associação Pariri desabafa:

A gente precisa dizer que temos a nossa própria autonomia, de viver e decidir o que queremos! Por que não deixam nós em paz? Por que não deixam nós viver a nossa vida? Por que tem projeto de morte no nosso território?! Não era pra ter isso, grandes empresas que vem lá da China, que vem lá da Alemanha, vem lá do Canadá destruir sem consultar nós! Isso não é justo o que acontece com a humanidade. Se vocês são seres humanos, eu também sou. Aqui é sangue vermelho, nós temos maior respeito pelos caciques pelos pajés, pelos mais velhos, aprendemos a viver! Mas viver como? Com medo, o governo fazendo medo pra nós, mas nós Munduruku não temos medo do governo, nós somos um povo guerreiro! Tá aqui no sangue, vamos lutar contra esses grandes empreendimentos. O governo não respeita, tá tirando tudo do povo brasileiro pra grande negócio! Sempre dizemos a nossa política é o rio limpo e nossa política sempre vai ser a árvore em pé! Os sábios sempre ensinam isso pra gente, não é só nós que estamos sendo prejudicados, é o planeta todo! Nosso rio, o rio afluente do Tapajós tá previsto 100 PCH, pra que? pra onde essa energia vai? Aí falam: não vai afetar o povo Munduruku, não vai afetar o Rio Tapajós, mas eles esquecem que o rio é igual a nossa veia, que corre no nosso corpo, o sangue que corre no corpo, se nós machucamos um braço ou a cabeça, o coração sente, o Rio, a Amazônia é do mesmo jeito, o planeta todo sente, os seres humanos todos sentem, precisamos de respeito, precisamos nos ouvir, dizer: já chega de barragem! pra que tanta barragem? Cade o sol tão lindo maravilhoso, o vento!? Pra quê tanta barragem? Pra quê tanta destruição? Pra quê tanto veneno? Já chega! Sawé!

Depois de promover a oficina, o Greenpeace, encontrou na Realidade Virtual um poderoso aliado na sensibilização do público para a causa socioambiental e produziu, em parceria com *The Feelies*, o filme *Munduruku: a luta para defender o coração da Amazônia*. Os indígenas Munduruku de Sawré Muybu foram recentemente protagonistas dessa experiência única e inédita no mundo, um filme/instalação de imersão multissensorial. *Munduruku: The Fight to Defend the Heart of the Amazon* é uma colaboração entre *The Feelies*, Alchemy VR, o povo Munduruku e *Greenpeace*. O filme é dirigido por Grace Boyle, a criadora do projeto cujo objetivo é contar histórias para todos os sentidos em uma espécie de *orquestração sensorial*, transportando as pessoas a lugares diversos de um modo sensorial e não apenas através da visão.

O projeto *The Feelies* cria realidade virtual multissensorial: histórias que falam não apenas aos seus olhos e ouvidos mas a todos os seus sentidos. Combinando arte e ciência essas histórias reúnem narração de histórias e pesquisa sensorial para uma experiência mais imersiva e transformadora. Para contar a história dos Munduruku foi

---

realizado um mapeamento sensorial da área da terra indígena de Sawre Muybu colhendo dados para seis perfumes personalizados, uma faixa de frequência infrassônica, uma narrativa de calor e ventos e as cápsulas de realidade virtual em que os convidados são transportados para a Amazonia. O Alchemy VR combina *storytelling* (narração de histórias) e o uso de novas tecnologias para criar experiências únicas e surpreendentes. Para o Filme *Munduruku: a luta para defender o coração da Amazônia*, foi desenvolvida uma câmera com oito lentes para a produção 360 e utilizados microfones binaural que gravam 360 de áudio para complementar a filmagem de 360 graus.

O filme em realidade virtual foi gravado com os Munduruku na aldeia Sawré Muybu, localizada no rio Tapajós, no Pará. Na experiência, é possível sentir literalmente a Amazônia, por meio de estímulos visuais táteis, auditivos e olfativos. Para que a imersão aconteça, o visitante entra em uma cápsula que o estimula por meio da visão, audição, tato e olfato. Luzes infravermelhas que simulam a temperatura na aldeia e de dois canais de áudio, separados – um com sons do vídeo e outro com ruídos em uma subfrequência (60Hz) que, ligado a micro-sensores, vai produzir vibrações no corpo do visitante. Para uma experiência olfativa, o perfumista mexicano Nadjib Achaibou desenvolveu uma fragrância inspirada nos aromas da floresta amazônica. Em um determinado momento da experiência, acredita-se segurar uma xícara de café.

---

## Considerações Finais

Acredita-se que a *virtual reality* pode provocar empatia no espectador ao ponto de engajá-lo na causa defendida pelo filme. A palavra empatia é muito atrelada à realidade virtual. Chris Milk, que é o porta voz da *virtual reality* para o mundo afirma que ela é a maior máquina de empatia jamais inventada: *Estou no lugar do outro, estou vendo os outros. A ideia de fazer da realidade virtual um meio para que os espectadores sejam capazes de sentir a dor dos outros.*<sup>12</sup>

A narração do cacique Juarez Saw Munduruku no filme de realidade virtual, é muito envolvente. O visitante pode percorrer as águas do rio Tapajós, sentindo a umidade e o cheiro da mata, a brisa em um passeio de barco, o frescor da mandioca recém colhida da terra, e será convidado a conhecer a aldeia do povo Munduruku e seu modo de vida, podendo compreender a intrínseca relação deste povo com as matas e os rios. No final o cacique Juarez convida o participante da experiência para juntar-se a eles na luta para salvar a floresta amazônica e o seu modo de vida.

Mas a realmente a perspectiva imersiva oferecida pela realidade virtual provoca um verdadeira aumento na empatia? A crítica central da Realidade Virtual como um meio de aumentar a empatia é que ela não é capaz de reproduzir estados internos, apenas as condições que poderiam influenciar isso. Ela poderia me colocar no lugar deles, mas não verdadeiramente no corpo deles. No artigo *The Limits of Virtual Reality: Debugging the Empathy Machine*, Ainsley Sutherland<sup>13</sup> afirma que embora a realidade virtual encontre ressonância na tradição do teatro do oprimido de Augusto Boal; misturando através da identificação emocional os papéis de participante e performer; o sistema VR seria incapaz de reproduzir experiências internas.

A esse ponto nos perguntamos se experienciar o Médio Tapajós em plena metrópole seria um mero simulacro, no sentido da imagem destituída de essência. Os participantes realmente são capazes de sentirem como se estivessem na Amazônia?

---

<sup>12</sup>[https://www.ted.com/talks/chris\\_milk\\_how\\_virtual\\_reality\\_can\\_create\\_the\\_ultimate\\_empathy\\_machine](https://www.ted.com/talks/chris_milk_how_virtual_reality_can_create_the_ultimate_empathy_machine)

<sup>13</sup> SUTHERLAND, Ainsley. **The Limits of Virtual Reality: Debugging the Empathy Machine** in <https://docubase.mit.edu/lab/case-studies/the-limits-of-virtual-reality-debugging-the-empathy-machine/> Consultado 29.01.2018

---

Certamente a realidade virtual não substitui a experiência de vida, mas tampouco trata-se de algo enganoso em detrimento de uma instância verdadeira, real e substancial. A realidade virtual tem potencial de facilitar novas experiências e de nos convidar a imaginar-nos no mundo de outras pessoas e em fazendo isso, a criar empatia com seus posicionamentos físicos e emocionais. O fato é que a luta dos Munduruku se tornou protagonista de um filme de imersão multissensorial, vencedor de prêmios em importantes festivais internacionais. Assim como a repercussão que os zapatistas tiveram no início da era digital, conquistando apoio da opinião pública internacional através do ciberespaço, espera-se que a realidade virtual multissensorial seja um recurso a mais para sensibilizar e engajar a solidariedade dos povos por justiça social e ambiental. Ainda que se possa criticar o ciberativismo por ser parte de uma mera revolução virtual, podemos refletir e aprender a partir da repercussão do levante Zapatista que desencadeou uma onda de indignação e solidariedade mundial, convocando a sociedade civil a se unir a eles na construção de um outro mundo possível. Tal repercussão virtual tornou realidade essa rede de autonomia e resistência que se formou entre mulheres Munduruku da Amazônia Brasileira e mulheres Zapatistas do Sudeste Mexicano.

---

## Referências bibliográficas

ALVAREZ Sonia, DAGNINO Evelina, ESCOBAR, Arturo. **Cultura e política nos Movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

CORDOVA, Amalia. **Estéticas Enraizadas: Aproximações ao vídeo indígena na América Latina** In: “Catálogo Olhar Um ato de Resistência- forumdoc.bh” , Filmes de Quintal. Belo Horizonte, 2015.

GLASS, Verena e Al. **A Nação Munduruku e seus horizontes de vida**. Novas perspectivas a partir do protagonismo feminino. Revista *Ponto de debate*. Fundação Rosa Luxemburgo n 9, 2016.

KABA, Maria Leusa e TEIXEIRA, Luiz Cláudio B. **Wakoburun, a primeira guerreira: As mulheres Munduruku e o plano de vida como estratégia de resistência de um povo**. (Mimeo) Comunicação apresentada no III Congresso Internacional dos Povos Indígenas da America Latina, UnB, 2019

MENCHU, Rigoberta e BURGOS, Elizabeth **Me llamo Rigoberta Menchu y asi me nacio la consciência**. Barcelona: Editora Seix Barral,1994.

MOLINA, Luísa Pontes. **Terra, luta, vida: autodemarcações indígenas e afirmação da diferença**. Dissertação de Mestrado UnB, 2017.

MOVIMENTO IPEREG AYU **Carta do III Encontro das Mulheres Munduruku** Disponível <https://cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/acoes-dos-movimentos/4416-carta-do-iii-encontro-das-mulheres-munduruku> Consultado em 01.07.2019

MURPHY, Yolanda. **Women of the Forest** Columbia University Press. 1974.

PINK, Sarah . **Mobilising Visual Ethnography: Making Routes, Making Place and Making Images**. Forum: «Qualitative Social Research“ n 9(3): 2008, pp 1-17.

SUTHERLAND, Ainsley. **The Limits of Virtual Reality: Debugging the Empathy Machine** in :<https://docubase.mit.edu/lab/case-studies/the-limits-of-virtual-reality-debugging-the-empathy-machine/> Consultado 29.01.2018

TURNER, Terence. **Defiant Images: The Kayapo Appropriation of Video “Anthropology Today”** Vol. 8, N. 6 Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, 1992, ed.pt : *Imagens Desafiantes: a Apropriação Kaiapó do Vídeo* “Revista de Antropologia”, 1993.

WORTHAN, E. **“Between State and Indigenous Autonomy: Unpacking Video Indígena in Mexico.”** *American Anthropologist*. No 2, Vol. 106. pp. 363-367. (2004, junho).